

Hugo de S. Vitor

TEXTOS NOTÁVEIS SOBRE A MEMÓRIA

Índice Geral

[I. COMENTÁRIO ÀS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS](#)

[II. COMENTÁRIO À PROFECIA DE JOEL.](#)

[III. QUESTÕES SOBRE AS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO](#)

[IV. QUESTÕES SOBRE A EPÍSTOLA AOS ROMANOS.
Q. 302, 304, 307, 308. ALEGORIAS DE AMBOS OS
TESTAMENTOS. IIª PARTE, L.VI, SOBRE A EPÍSTOLA
AOS ROMANOS.](#)

[V. OS MISTÉRIOS DA FÉ CRISTÃ. L. I, XIIIª PARTE, C. 9.](#)

[VI. A ARCA DE NOÉ. L. III, C.8.](#)

[VII. A ARCA DE NOÉ. L. III, C. 9.](#)

[VIII. A ARCA DE NOÉ. L. IV, C. 8.](#)

[IX. DIDASCALICON. L. III, C. 8.](#)

[X. DIDASCALICON. L. III, C. 12.](#)

[XI. OPÚSCULO SOBRE O MODO DE APRENDER. C. 3-4.](#)

[XII. SOLILÓQUIO SOBRE O PENHOR DA ALMA.](#)

[XIII. O CLAUSTRO DA ALMA. L. IV, C. 19.](#)

XIV. O CLAUSTRO DA ALMA. L. IV, C. 33.

XV. A MEDICINA DA ALMA. C. 1.

XVI. A MEDICINA DA ALMA. C. VI.

XVII. A MEDICINA DA ALMA. C. 8.

XVIII. A MEDICINA DA ALMA. C. 9, C. 17.

XIX. SOBRE OS ANIMAIS. L.I, C. 3.

XX. SOBRE A ALMA. L. I, C. 1.

XXI. SOBRE A ALMA. L. 1, C. 6.

XXII. SOBRE A ALMA. L. II, C. 35.

XXIII. SOBRE A ALMA. L. II, C. 44.

XXIV. SOBRE A ALMA. L. III, C. 1.

XXV. SOBRE A ALMA. L. III, C. 16.

XXVI. SOBRE A ALMA. L. III, C. 27.

XXVII. SOBRE A ALMA. L. III, C. 38.

XXVIII. MISCELÂNEAS. L. II, TIT. 73.

XXIX. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 1.

XXX. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 62.

XXXI. MISCELÂNEAS. L.V, TIT. 44.

XXXII. MISCELÂNEAS. L.V, TIT. 67.

XXXIII. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 68.

XXXIV. SERMONES CENTUM. SERMO 21.

XXXV. SERMONES CENTUM. SERMO 39.

XXXVI. SERMONES CENTUM. SERMO 56.





Hugo de S. Vitor

**TEXTOS NOTÁVEIS SOBRE
A MEMÓRIA**

**compilados de toda
a sua obra**

I. COMENTÁRIO ÀS LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

***"Eles
diziam
às
suas
mães:
Onde
está o
trigo e
o
vinho?"***

**Lam.
2,
12**

O que devemos entender espiritualmente pelos filhos destas mães, senão a multidão dos pensamentos, os quais, na medida em que se originam em uma só mente de diversos afetos, são como filhos de muitas mães em uma só casa, mas que não procedem de uma só origem? Dizemos que os pensamentos nascem dos afetos porque, certamente, é a MEMÓRIA das coisas às quais somos afeiçoados pelo amor que ocorre freqüentemente em nossos pensamentos. Cada um dos vícios e cada uma das virtudes pode facilmente comprovar o quanto isto é verdadeiro. É isto também o que quer dizer o Evangelho:

**"Onde
está o
teu
tesouro,
aí está o
teu
coração",**

**Mt .
6 ,
21**

como se dissesse:

**"Onde
está
o teu
amor,
ali
está
a tua
alma".**

Assim como é o teu afeto, assim também é o teu pensamento. Deve-se saber, porém, que assim como os afetos geram por si os pensamentos, assim também, por sua vez, os próprios pensamentos inflamam ainda mais amplamente os afetos dos quais se originam. De onde que também aqueles que diligentemente guardam seus corações dos pensamentos ilícitos erradicam profundamente as raízes destes maus afetos. Ao contrário, porém, aqueles que negligenciam exercitar suas mentes por meio de santas meditações, mesmo se em algum tempo anterior foram aquecidos por alguma centelha de amor divino, pouco a pouco se esfriam de tal modo que, ainda que talvez em algum tempo tiveram pensamentos de bons afetos, de nenhum modo ou apenas muito debilmente presenciaram produzir-se deles alguma doçura interior no seio da mente.



n



II. COMENTÁRIO À PROFECIA DE JOEL.

**"Agora,
portanto,
diz o
Senhor,
convertei-
vos a
mim de
todo o
vosso
coração".**

Joel
2,
12

Vós, portanto, que vos tínheis afastado de Deus pelo vício da negligência, afastados e submersos no dilúvio da malícia, convertei-vos, diz, a mim "de todo o vosso coração". Há a conversão do coração e há a conversão da obra. A conversão do coração pode ser de todo o coração ou em parte. Aquela que consiste em todo o coração é a que o Senhor busca, porque é suficiente para a salvação. A outra Ele a rejeita, a que é em parte, porque é fingida, e está longe da salvação. Por isso está escrito:

**"O
Espírito
Santo
foge da
disciplina
fingida".**

Sab.

1,

5

No coração, de fato, há três coisas: a razão, a vontade e a MEMÓRIA. A razão é das coisas futuras, a vontade das presentes e a MEMÓRIA das passadas. A razão busca as futuras, a vontade ama as presentes e a MEMÓRIA retém as passadas. A razão ilumina, a vontade ama, a MEMÓRIA conserva. Quando, portanto, a razão busca o sumo bem e o encontra, a vontade o recebe e o ama, e a MEMÓRIA o conserva solícitamente e mais fortemente o estreita, então a alma se converte a Deus de todo o coração. Quando, porém, a razão adormecida suspende a busca do que é celeste, ou a vontade morna não procura amar, ou a MEMÓRIA entorpecida despreza a guarda, então a alma se torna fingida, incorrendo primeiro no vício da ignorância, segundo no delito da negligência, terceiro no pecado da malícia. A alma é manifestamente fingida em todas estas coisas, porque de outro modo poderia pela luz da razão expulsar a ignorância, pela aplicação da vontade remover a negligência e pela cuidadosa diligência da MEMÓRIA adormecer a malícia. A razão, de fato, quando busca, faz nascer o conhecimento; a vontade, ao abraçar, gera o amor; e a MEMÓRIA, ao estreitar, ergue o edifício. A primeira gera a luz da ciência, a segunda o afeto da justiça, a terceira conserva o tesouro da graça. Esta é a conversão do coração que Deus exige, Esta é aquela que é inteiramente suficiente para a salvação.





III. QUESTÕES SOBRE AS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO

**"Se nos
excedemos
mentalmente,
é por Deus".**

**II
Cor .
5,
13**

Questiona-se o que sejam os excessos da mente. Solução: há dois excessos, o do pavor e o da intenção ao que é elevado, de tal maneira que, de algum modo, retiram-se da MEMÓRIA as coisas inferiores. Neste excesso da mente estiveram todos os santos, aos quais foram revelados arcanos divinos que excedem o mundo.





IV. QUESTÕES SOBRE A EPÍSTOLA AOS ROMANOS. Q. 302, 304, 307, 308. ALEGORIAS DE AMBOS OS TESTAMENTOS. IIª PARTE, L.VI, SOBRE A EPÍSTOLA AOS ROMANOS.

Diz o Apóstolo:

***"Aquele
que
ama o
próximo,
cumpriu
a Lei".***

**Rom.
13,
8**

Pergunta-se se o amor do próximo e o amor de Deus são o mesmo. Se não são o mesmo, como o amor do próximo é a plenitude da Lei? Como toda a lei é restaurada no amor do próximo? Como os três preceitos da primeira tábua, que dizem respeito a Deus, se cumprem no amor do próximo? Por outro lado, se um e outro são o mesmo, por que foram dados separadamente um preceito do amor a Deus e outro preceito do amor ao próximo?

Solução. O amor é nome de uma virtude e assim pode ser dito que o mesmo é o amor pelo qual amamos a Deus e ao próximo. É também nome de um movimento da mente, e neste sentido um é o amor de Deus e outro é o amor do próximo, e o amor de Deus é maior do que o amor do próximo, porque o amor de Deus está contido no amor do próximo. Quem, de fato, ama a Deus, por consequência ama ao próximo e inversamente; por conseguinte, coloca-se um movimento pelo outro. O amor do próximo, de fato, é um movimento da mente ao próximo por causa de Deus; como, portanto, pode haver amor ao próximo sem amor de Deus? O amor do próximo é, de fato, uma certa matéria na qual se exerce o amor de Deus, o qual é mais

escondido e cujo afeto se manifesta mais abertamente no amor do próximo. O amor de Deus é um movimento da mente para Deus por causa dEle mesmo.

Pergunta-se ademais se o amor do próximo possa ser sem o amor de Deus. Pois parece que pode, porque alguém pode amar o próximo não por causa de Deus, mas por causa de alguma outra coisa.

Solução. Não se deve conceder que alguém ame o próximo, a não ser que o ame por causa de Deus. Amar diversamente não é amar, antes, é mais propriamente odiar, porque, conforme diz o Salmista,

***"Quem
ama a
iniquidade,
odeia a
sua
alma".***

**Salmo
10,
5**

Deste modo, não pode amar o seu semelhante quem a si mesmo odeia.

Pergunta-se ademais em que lugar foi-nos preceituado como o homem deve amar a si mesmo.

Solução. Quando se ensina ao homem como se deve amar a Deus, nisto mesmo lhe é ensinado como o homem deve amar a si mesmo.

O que é, de fato, amar a si mesmo, senão amar o seu próprio bem?

Qual é, porém, o bem do homem, senão Deus?

Quem, portanto, ama a Deus, nisto mesmo ama a si próprio. E o quanto amar a Deus, tanto amará a si mesmo.

Pergunta-se também se o homem deve somente amar o próximo como a si mesmo. Pois, de fato, está escrito:

***"Amarás
o teu
próximo
como a
ti
mesmo".***

**Mat .
22 ,
39**

Solução. Assim como a semelhança designa, segundo alguns, não a quantidade, quando se diz

***"Ama
ao
próximo
como a
ti
mesmo",***

isto significa "ao mesmo que para ti desejas", ou seja, para que ele venha a possuir a Deus, e entrega-te o quanto possas à obra para que ele possa fazer o que é preciso para que se salve. Não será necessário repetir o que já dissemos acima sobre a caridade. Não todas as coisas podem ou devem ser ditas em todo lugar.

Pergunta-se finalmente se é possível possuir o amor de Deus sem o amor do próximo, o que alguns o quiseram provar dizendo que se não existisse nenhum homem senão apenas um,

este poderia amar a Deus sem que amasse ao próximo, assim como Adão, antes que existisse Eva, amou a Deus sem que tivesse amado o próximo, pois ninguém ainda existia além dele próprio.

Solução. Este discurso, segundo o qual o amor de Deus poderia ser possuído sem o amor do próximo, é positivo e falso. Coloca, de fato, existir o próximo, e sem o seu amor poder possuir o amor de Deus. O amor de Deus é como que a forma e a causa do amor do próximo, e o amor do próximo é como que a matéria do amor de Deus. O amor de Deus é oculto, enquanto que o amor do próximo se manifesta exteriormente e nele o próprio amor de Deus é declarado, pelo que diz o Apóstolo que o amor do próximo é a plenitude da lei.

***"Amarás
o
próximo
como a
ti
mesmo",***

isto é, amarás o próximo com o mesmo fim para o qual amas a ti mesmo quando te amas corretamente, isto é, em Deus e por causa de Deus. Ora, segundo S. Agostinho, amar a Deus de todo o coração significa amá-lo com toda a inteligência; amá-lo com toda a alma significa com toda a vontade; amá-lo com todo o entendimento significa com toda a MEMÓRIA, de tal maneira que todos os pensamentos, toda a vontade e toda a MEMÓRIA sejam conduzidas a Ele, de quem procede aquilo que a Ele conduz. É por isso que o próprio Agostinho diz também que quando ainda temos concupiscências carnis, de nenhum modo pode-se amar a Deus com toda a alma.





V. OS MISTÉRIOS DA FÉ CRISTÃ. L. I, XIIIª PARTE, C. 9.

A Escritura nos manifesta o quanto devemos amar o nosso bem que é Deus quando diz:

**"Amarás
o
Senhor
teu
Deus
de todo
o teu
coração,
de toda
a tua
mente
e de
toda a
tua
alma",**

**Mt.
22,
37**

como se dissesse:

**"Não te
preceituou
apenas
que o
ames, ou
que ames
apenas a
Deus,
mas que
tanto
quanto o
possas,
tanto o
ames".**

**A tua possibilidade será a tua medida; quanto mais o amares,
mais o terás.**

Amarás de todo o teu coração e de toda a tua alma e de toda a tua mente, isto é, de toda a tua inteligência, de todo o teu afeto, e de toda a tua MEMÓRIA, quanto o entenderes, quanto o provares, quanto maior for a tua suficiência, tanto o deves amar. Que tudo se torne pleno pelo conhecimento, que todo afeto seja ligado pelo amor, que tudo seja possuído pela MEMÓRIA. Quanto mais te iluminares, tanto te afeiçoarás, para que seja inteiramente doce quanto dEle alcance o conhecimento e a MEMÓRIA. Se tudo for experimentado ser reto, como não será totalmente amado? Quanto, portanto, dignar-se estar Deus em nós pelo pensamento, tanto será por nós amado. Amemos tudo o que dEle pudermos conter, e o quanto pudermos.





VI. A ARCA DE NOÉ. L. III, C.8.

A caridade é semelhante ao vinho. Aos que inebria, o vinho torna alegres, audazes, fortes, esquecidos e, de certo modo, insensíveis. Assim também a caridade, purificando a consciência, torna a mente alegre. Depois torna-a audaz quando, pela pureza da consciência, produz a confiança. Em seguida, aumenta as forças porque, conforme testemunha a Escritura,

**"Aquele
que
confia
no
Senhor
é forte
como
o
leão".**

**Prov.
38,
1**

Produz também o esquecimento porque, elevando toda a intenção da alma ao desejo das coisas eternas, desenraíza profundamente todas as coisas que transitam pela MEMÓRIA.





VII. A ARCA DE NOÉ. L. III, C. 9.

A esperança é como uma fagulha dos bens futuros na mente, que é alimentada pela serragem. A esperança é como uma certa MEMÓRIA das alegrias invisíveis, que no coração do homem aquece interiormente seus lugares mais escondidos e não permite que se seque pelo frio da infidelidade no inverno do mundo presente. E enquanto a esperança viver em nossa mente, nunca se secará a árvore da sabedoria, mas assim como o verdor do tronco conserva-se ileso enquanto for mantido o equilíbrio do humor e do calor, assim também a alma não pode secar quando o calor do Espírito Santo irradia e a nutre pelo alto e a aplicação à boa operação a rega por baixo.





VIII. A ARCA DE NOÉ. L. IV, C. 8.

Diz a Sagrada Escritura:

**"Onde
está o
teu
tesouro,
ali está o
teu
coração".**

**Mt .
6 ,
21**

Onde está o teu amor, ali estará o teu pensamento. Onde, porém, estiver o teu pensamento, ali estará a habitação interior do homem. Porque alguém é dito habitar segundo o homem interior ali onde está a conversação de seu pensamento. Portanto, aqueles que constróem a deleitação de seu coração na vaidade deste mundo, embora possuam a arca da fé, interiormente, porém, são náufragos.

Silenciando agora, todos os demais amantes do mundo, quantos eruditos não conhecemos que querem chamar-se cristãos e que entram com os demais fiéis na Igreja e participam dos sacramentos de Cristo, em cujos corações é mais freqüente a MEMÓRIA de Saturno e de Júpiter, de Hércules e de Marte, a de Aquiles e de Heitor, de Pólux e Castor, do que a de Cristo e de seus santos? Amam as sutilezas dos poetas, mas quanto à verdade das Escrituras Divinas ou a negligenciam ou, o que é pior, dela se riem e a desprezam. Observem agora o que lhes aproveita estar exteriormente na Igreja e interiormente fornicar da fé. Antevejo que no fim haverão de unir-se aos que já estão unidos consigo pelos afetos do coração; amando com eles esta vida, se tornarão participantes também de seu suplício. Que lhes aproveita ter fé, se não permanecem na fé? Que lhes

aproveita possuir um navio íntegro, e já não digo padecer as ondas do naufrágio, mas espontaneamente nelas atirar-se? Que lhes aproveita conhecer a verdade e amar a falsidade? Não são estes os verdadeiros fiéis.

Na Sagrada Escritura o mundo é amaldiçoado e é chamado de inimigo de Deus não porque a sua substância seja má, mas porque a beleza do mundo seduz as almas. Não deveríamos fugir da substância do mundo se a concupiscência do mundo não fosse má. Quando fugimos da concupiscência do mundo, dela fugimos porque é má, quando, porém, fugimos da substância do mundo, dela não fugimos porque é má, mas porque é ocasião do mal. Pensada a espécie do mundo, nasce o afeto da concupiscência. Portanto, se quisermos abandonar a concupiscência do mundo, é necessário primeiro remover a MEMÓRIA deste mundo de nosso pensamento. "Em minha meditação", diz o profeta,

***"acendeu-
se o
fogo".***

**Salmo
38,
4**

Assim como a madeira alimenta o fogo, assim também os pensamentos apascentam os desejos. Se existirem bons pensamentos na meditação, inflamar-se-á o fogo da caridade. Se os pensamentos forem maus, inflamar-se-á o fogo da cobiça. Porque assim como os olhos são apascentados pela imagem, assim também a alma é apascentada pelos pensamentos, e a mente impúdica frui pelo seu desejo de um comércio torpe, na medida em que abraça interiormente pelo pensamento a coisa desejada. Pouco importa o que se cogita, mas que tipo de afeto se origina deste pensamento, porque o pensamento não macula a mente onde a deleitação não corrompe a consciência. É importante, portanto, conforme dissemos, que nos esqueçamos deste mundo, e que destruamos sua MEMÓRIA de nosso coração, para que não ocorra que, pensando freqüentemente

nela, sejamos inclinados à sua concupiscência.

Creemos já ter manifestamente demonstrado de onde se origina a distração infinita que padecemos de nossos pensamentos, isto é, do mundo e de sua concupiscência, isto é, das obras do coração e que aquilo pelo qual podemos recolher em um só todo os nossos pensamentos são as obras da restauração. E porque, conforme dissemos, não pode haver ordem onde não há fim, é necessário que, abandonadas as obras da criação, busquemos a ordem de nossos pensamentos ali onde são finitas, isto é, nas obras da restauração, e é isto o que nos propusemos investigar anteriormente, qual deveria ser a ordem de nossos pensamentos para que, a partir deles, pudéssemos edificar em nós uma casa espiritual para a sabedoria.





IX. DIDASCALICON. L. III, C. 8.

Aqueles que se entregam ao estudo devem primar simultaneamente pelo engenho e pela MEMÓRIA, duas coisas que em todo estudo e disciplina convém uma com a outra de tal modo que se falta uma, a outra sozinha não conseguirá conduzir ninguém à perfeição, assim como de nada aproveitam os lucros onde não é possível guardá-los e é em vão que alguém acumula recipientes se não tiver com que preenchê-los. O engenho encontra e a MEMÓRIA guarda a sabedoria.





X. DIDASCALICON. L. III, C. 12.

Em qualquer ensinamento devemos recolher algo certo e breve que seja guardado na arca da MEMÓRIA de onde posteriormente, quando for necessário, algo seja resgatado. É necessário retomar estas coisas com freqüência, trazendo-as novamente ao paladar da MEMÓRIA, para que por uma longa interrupção não se tornem obsoletas. De onde que te rogo, leitor, que não te alegres muito se tiveres lido muito, ou se tiveres entendido muito, e nem mesmo se tenhas entendido algo, se também não o puderes reter.





XI. OPÚSCULO SOBRE O MODO DE APRENDER. C. 3-4.

Aqueles que se entregam ao aprendizado, devem primar simultaneamente pelo engenho e pela MEMÓRIA. O engenho se aperfeiçoa pela natureza, é auxiliado pelo uso, embota-se pelo trabalho imoderado e torna-se mais agudo pelo exercício equilibrado. A MEMÓRIA é ajudada e fortalecida principalmente pelo exercício de reter e pela meditação assídua.





XII. SOLILÓQUIO SOBRE O PENHOR DA ALMA.

Deus te amou em todas as coisas que te concedeu, juntamente contigo, a todos em geral, especialmente a alguns ou particularmente apenas a ti. Quem dera que possas recolher para teu proveito e conforme o agrado de Deus todas as coisas que Ele te concedeu! Porque foi por isto que Ele as concedeu, para que tu sempre as tivesses na MEMÓRIA e nunca te esfriasses em seu amor pelo esquecimento. Deus escolheu-te entre todas, tomou-te entre todas e amou-te entre todas. Chamou-te em seu nome para que sua MEMÓRIA estivesse sempre junto de ti, quis que participasses em seu nome, o nome da verdade, pois ungiu-te com aquele óleo de alegria para que, tendo sido ungida pelo Ungido, de Cristo fosses dita cristã.





XIII. O CLAUSTRO DA ALMA. L. IV, C. 19.

***"E fizeram
novos
vasos
sagrados".***

**I
Mac .
4 ,
49**

Fazem novos vasos sagrados aqueles que constroem seus corações na vida nova segundo os preceitos do homem novo que é Cristo.

***"E
trouxeram
o
candelabro,
e o altar do
incenso, e
a mesa
para o
templo".***

**I
Mac .
4 ,
49**

Pelo candelabro podemos entender a Palavra de Deus; pela luz do candelabro o ensinamento da Palavra; pelo altar dos incensos a devoção das orações, não o suave fumo da adulação. Pela mesa, a MEMÓRIA das Divinas Escrituras. Assim

como alguém faz refeição com o que é colocado na mesa, assim a alma engorda como que de diversos manjares com o que é trazido à MEMÓRIA.

**"E
ofereceram
um sacrifício
novo sobre o
altar dos
holocaustos".**

**I
Mac .
4 ,
49**

Oferecem um sacrifício novo sobre o altar dos holocaustos quando no arrependimento do coração imolam os desejos da carne. Estes renovam a mente e se purificam da mácula das imundícies. Aqueles, portanto, que permanecem nesta cidade de Jerusalém, isto é, que permanecem na paz, e que têm a Judas Macabeu, isto é, à confissão, como o seu guia entre todos, isto é, a confissão, que purificam o templo, isto é, a alma, dos vícios, e que quotidianamente restauram o que foi destruído, creio que se não desanimarem, sem demora passarão desta Jerusalém à celeste.





XIV. O CLAUSTRO DA ALMA. L. IV, C. 33.

**"E
recebi o
livro da
mão do
anjo, e o
devorei,
e era na
minha
boca
doce
como o
mel.**

**Mas,
tendo
devorado
o livro,
meu
ventre
tornou-
se
amargo".**

**Ap.
10.
10**

Desta passagem diz São Gregório Magno:

***"Devoramos
este livro
quando nos
alimentamos
com avidez
das
palavras da
vida".***

Na ordem do anjo para devorar o livro o que mais se repreende senão o torpor de nossa preguiça, pois não buscamos palavras do Senhor e seus mistérios por nós mesmos e, quando no-las são ditas por outros, as ouvimos contra a vontade. Devoramos, portanto, e comemos o livro quando lemos as palavras de Deus. Muitos, porém, as estudam e permanecem em jejum mesmo com este estudo. Muitos ouvem a voz da pregação, mas depois de ouvi-la retornam vazios e em jejum porque, ainda que pela mente tenham apreendido a inteligência do Sagrado Discurso, esquecendo e não conservando o que ouviram, não refazem as vísceras do coração.

Os que estudam e não permanecem em jejum são aqueles que entendem e conservam aquilo em que trabalharam. Estes devoram o livro santo, o comem e não permanecem em jejum porque a MEMÓRIA não perde os preceitos da vida cujo sentido puderam apreender. E às vezes ocorre também que, pelo dom da graça celeste, estes apreendem também a palavra da doutrina e a verdade nela contida, que com doçura ruminam interiormente e com a qual apascentam suavemente seus próximos.





XV. A MEDICINA DA ALMA. C. 1.

O homem costuma ser chamado pelos antigos de microcosmos, isto é, um mundo menor, porque pela semelhança do maior possui a figura do mundo.

Pode-se, de fato, apontar uma grande conveniência entre a composição do corpo humano e a constituição do mundo. O céu se assemelha à cabeça, o ar ao peito, o mar ao ventre, a terra às extremidades do corpo.

Deus habita no céu, e a mente possui, na cabeça do homem, o principado. Em Deus há três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e na cabeça humana há três potências, a inteligência, a razão e a MEMÓRIA. Há no céu dois grandes luminares, o Sol e a Lua, e na cabeça há dois olhos que iluminam o firmamento da face. O Sol e a Lua iluminam o dia e a noite oferecendo aos homens, pela sua claridade, a luz do conhecimento das coisas. Os olhos, pela sua sutilidade, recebem as imagens das coisas que são anunciadas pelo intelecto à razão a qual nos dá a certeza.

Semelhantemente no peito, assim como no ar, voam os pensamentos como nuvens, trazendo às vezes a claridade da alegria, às vezes a tristeza da obscuridade. Levantam-se aqui e ali os ventos das tentações que conturbam a alma ou, dividido o ar, produzem-se os relâmpagos da ira e segue-se o fogo do ódio, que é a combustão da alma. Êste, quantas vezes provier do alto, descendendo do prelado, tantas vezes lesará os súditos. Estas tempestades são dissipadas às vezes pela chuva, às vezes pela neve ou pelo granizo. Algumas, de fato, são aplacadas pelas palavras de uma santa exortação, outras pelo sopro suave da consolação, outras, finalmente, pela aspereza da repreensão.





XVI. A MEDICINA DA ALMA. C. VI.

O sagitário possui duas naturezas, a ferina e a humana. A parte superior se assemelha ao homem, a inferior se assemelha ao animal. Aqueles que vivem segundo a razão, são dignos do céu, aqueles que vivem bestialmente, são dignos do inferno. O sagitário segura o arco e arremessa a flecha. Há, porém, dois arcos, o arco do Senhor, e o arco do demônio. Do primeiro se aproximam os espirituais, do segundo os animais. Os pecadores, com seu arco, têm como alvo atingir ocultamente os retos de coração. Possuem também uma aljava, na qual colocam suas flechas, que são os pensamentos perversos, já que os pecadores

***"Tomaram
o arco,
prepararam
as suas
setas na
aljava"***

Salmo
10,
3

Preparam as setas porque é para isto que se aplicam os perversos, para a subversão. Mas, diz também a Escritura, que o Senhor consumirá o arco e quebrará as setas. O arco dos justos é a inteligência espiritual, a corda a doutrina, as setas as palavras da doutrina, a aljava a MEMÓRIA. Este arco é estendido pelo Senhor, e por Ele é preparado. O Senhor prepara o arco quando nos explica a inteligência das Sagradas Escrituras. Deste arco são enviadas setas poderosas e agudas (Salmo 119, 4), para que firam e transpassem os corações.

**"O
Senhor
sabe",**

diz S. Agostinho.

**"flechar
o
amor".**

Ninguém flecha mais belamente o amor do que aquele que o faz pela palavra. Flecha, de fato, para que produza o amor. Por esta seta é ferida a esposa:

**"Ferida
estou",**

diz ela,

**"pelo
amor".**

**Cant .
2, 5**

Quem dera que nós, atingidos por esta seta, morrêssemos para este mundo!





XVII. A MEDICINA DA ALMA. C. 8.

Há diversidade entre as delícias do corpo e as delícias do coração.

Quando não temos o alimento corporal, o corpo é atormentado por um grande desejo e afeto da carne. Quando, porém, é possuído e comido, pela saturidade alcança-se o fastídio. Ao contrário, quando não se possui o alimento espiritual, tornamos vis; saboreado, porém, pelo que o come, este passa a ter fome por um desejo maior.

No alimento corporal o apetite gera a saciedade, e a saciedade gera o fastídio. No alimento espiritual o apetite gera a saciedade, mas a saciedade aumenta o desejo.

No alimento corporal a saciedade causa dano, e o fastídio desagrada. No alimento espiritual nem a saciedade é perigosa, nem o desejo atormenta. Este alimento é a palavra do ensinamento da vida que, servindo ordenadamente às virtudes, conservam incolumemente o estado da complexão humana. A alma apetece a refeição da doutrina, quando ouve e retém de boa vontade a palavra da pregação, quando a recebe pelo ouvido do coração e a repassa guardada no ventre da MEMÓRIA.

Existem alguns que não apetezem nenhum alimento, mas se esfastiam de todos. Há também os que apetezem alguns alimentos mas, quando os recebem, rapidamente os vomitam. Há ainda os que os apetezem e os retém, mas dele não fazem nenhuma digestão para os membros. Há outros, finalmente, que os apetezem, retém e digerem, mas que não expulsam pelas funções naturais aquilo que deveria ser expulso.

Aqueles que não apetezem mas se esfastiam do alimento da doutrina não poderão viver muito tempo. Destes é que está escrito:

**"A sua
alma
aborrencia
toda a
comida,
e
chegaram
às portas
da
morte".**

**Salmo
106,
18**

Aqueles que, de fato, se recusam a ouvir a palavra da pregação, correm já velozmente para a porta da condenação eterna.

Aqueles que apetezem mas não retêm o alimento, expulsando-o do ventre da MEMÓRIA e lesando o estômago da mente, permanecem longamente doentes.

Há os que o apetezem e retêm, mas não o digerem pelos membros, porque aquilo que o ventre da MEMÓRIA retém, não o convertem em bons atos.

Aqueles, finalmente, que não expulsam o que deveria ser expulso são aqueles que incorporam ao seus costumes o que não convém.





XVIII. A MEDICINA DA ALMA. C. 9, C. 17.

Convém que o médico seja como um profeta, para que possa julgar não apenas do presente, mas também do passado e do futuro. Conhecendo a enfermidade presente, a ocasião da enfermidade, a matéria da doença e a causa da doença pode, pelos sinais presentes, conhecer o fim da doença, a morte ou a saúde. Há nove modos de sinais que significam o bem ou o mal, mencionados por Hipócrates no livro "Sobre os Prognósticos", onde deles trata mais amplamente.

O oitavo sinal é a força da virtude ao decompor o alimento, cujo oposto é a debilidade da virtude ao decompor o alimento. O primeiro lugar onde se faz a decomposição é o estômago, o segundo é o fígado, o terceiro são os demais membros. O alimento da alma é decomposto no estômago da MEMÓRIA pela recordação, no calor do fígado pelo amor, nos demais membros pela operação. Quando possuímos todas estas coisas, está presente o oitavo sinal da fortaleza da virtude ao decompor o alimento. Se, ao contrário, houver a debilidade desta virtude, isto será sinal da morte.





XIX. SOBRE OS ANIMAIS. L.I, C. 3.

**"Se
dormis
entre os
apriscos,
as
penas
da
pomba
brilham
como
prata, e
o seu
dorso
no
fulgor
do
ouro".**

**Salmo
67,
14**

A pomba é qualquer alma fiel e simples. Suas penas brilham como prata quando suas virtudes são manifestas pela fama da boa opinião.

Reúne tantos grãos de sementes para a sua refeição quantos são os exemplos dos justos que toma para si para bem operar.

Possui dois olhos, o direito e o esquerdo, que são a MEMÓRIA e a inteligência. Neste prevê o futuro, naquele chora sobre o passado. Nossos pais fecharam estes olhos no Egito quando não entenderam as obras de Deus, nem guardaram na MEMÓRIA a multidão de suas misericórdias.

A pomba possui duas asas, o amor do próximo e o amor de

Deus. A primeira, pela compaixão se estende ao próximo, a segunda pela contemplação se ergue até Deus. Destas asas procedem as penas, isto é, as virtudes da alma, penas que resplandecem com o brilho da prata quando, pela fama da boa opinião oferecem aos ouvintes, ao modo da prata, um doce tilintar.





XX. SOBRE A ALMA. L. I, C. 1.

Encontro, segundo o homem interior, três coisas em minha mente, pelas quais lembro-me de Deus, vejo-o e desejo-o. Estas três são a MEMÓRIA, a inteligência e a vontade ou amor. Pela MEMÓRIA lembro, pela inteligência admiro, pela vontade abraço. Ao lembrar-me de Deus, encontro-O na MEMÓRIA, e nela dEle e nEle me deleito, segundo o que Ele próprio se digna conceder-me. Pela inteligência admiro o que Deus é em si mesmo, o que é nos anjos, o que é nos santos, o que é nas criaturas, o que é no homem.

Devemos amá-lo, porque Ele nos amou primeiro, e nos fêz à sua imagem e semelhança, o que não quis conceder a nenhuma criatura. Fomos feitos à imagem de Deus, isto é, à inteligência e conhecimento do Filho, pelo qual inteligimos e conhecemos o Pai e a Ele temos acesso. Tanta afinidade há entre nós e Deus Filho que Ele é imagem de Deus e nós fomos feitos à imagem de Deus, afinidade testemunhada pela própria semelhança, já que não apenas segundo a imagem, mas também segundo a sua semelhança fomos feitos. É necessário, portanto, que aquele que é segundo a imagem, convenha com a imagem, para que não participe em vão do nome da imagem. Representemos em nós, portanto, a sua imagem no desejo da paz, na admiração da verdade, no amor da caridade. Tenhamo-la na MEMÓRIA, guardêmo-la na consciência e venerêmo-la em todo lugar. A nossa mente é sua imagem porque é capaz dela, e pode tornar-se participante dela. Não é sua imagem porque se lembra dele e em seguida o entende e o ama, mas porque pode lembrar-se, entender e amar aquele de quem foi feita e, ao fazê-lo, ela própria torna-se sábia. Nada, de fato, é tão semelhante àquela suma sabedoria do que a mente racional que pela MEMÓRIA, inteligência e vontade permanece naquela inefável Trindade. Não pode permanecer nela, porém, a não ser que dela se lembre, entenda e ame. Lembre-se, portanto, de Deus, à cuja imagem foi feita, entenda-O, ame-O e adore-O, com quem poderá ser sempre feliz. Bem aventurada a alma junto à qual Deus encontra repouso e em cujo tabernáculo repousa. Bem aventurado o que puder dizer:

***"Aquele que
me criou,
descansou
no meu
tabernáculo".***

**Eccles.
24, 12**

Não lhe poderá negar, de fato, o repouso do céu.

Encontro, portanto, em minha mente uma imagem da Suma Trindade, e para que esta Suma Trindade seja lembrada, contemplada e amada, para que dela me lembre, a ame, a abrace e a contemple, a ela devo referir tudo aquilo que vivo. A mente é imagem de Deus, na qual há estas três coisas: a MEMÓRIA, a inteligência e a vontade. À MEMÓRIA atribuímos tudo aquilo que sabemos, ainda que nelas não pensemos. À inteligência atribuímos tudo aquilo que encontramos cogitando, o que também confiamos à MEMÓRIA; à vontade, tudo aquilo que é conhecido e inteligido e que intensamente desejamos por ser bom e verdadeiro. Pela MEMÓRIA somos semelhantes ao Pai, pela inteligência ao Filho, pela vontade ao Espírito Santo. Nada em nós é tão semelhante ao Espírito Santo quanto a vontade ou o amor ou dileção, que é uma vontade mais excelente. O amor é um dom de Deus, de modo que nenhum outro dom é mais excelente do que este. O amor que procede de Deus é também Deus, e é propriamente dito Espírito Santo, pelo qual o amor de Deus é infundido em nossos corações (Rom. 5, 5), e pelo qual toda a Trindade em nós habita.



**XXI. SOBRE A ALMA. L. 1, C. 6.**

Corramos, portanto, não pelos passos do corpo, mas pelos afetos e desejos da mente, já que não são apenas os anjos, mas também o Criador dos anjos quem nos espera. Portanto, já que toda a cúria celeste nos espera e nos deseja, desejemo-la o quanto possamos. Com grande confusão e vergonha chegará a ela quem com grande veemência não a desejar contemplar. Quem, entretanto, pela oração ininterrupta e pelo pensamento constante tiver nela a sua conversação, nela entrará com segurança e nela será recebido com grande alegria.

Onde quer que, por conseguinte, estiveres, ora dentro de ti mesmo. Se estiveres longe do oratório, não queiras buscar um lugar, porque tu mesmo serás o lugar. Se estiveres no leito ou em qualquer outro lugar, ora, e ali será o templo. Que a oração seja freqüente e, inclinado o corpo, que a mente se eleve até Deus. Assim como não existe nenhum momento em que o homem não use ou frua da bondade e da misericórdia de Deus, assim também não deve haver nenhum momento em que não o tenha presente na MEMÓRIA.



**XXII. SOBRE A ALMA. L. II, C. 35.**

A alma tem em si a imagem ou semelhança do Deus onipotente. Mas também tem a imagem da Santíssima Trindade, primeiro porque, assim como Deus é, vive e conhece, assim também a alma, ao seu modo, é, vive e conhece.

Há também nela uma outra trindade, por ter sido criada à imagem da perfeita e Suma Trindade, que há no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Embora seja uma só em sua natureza, a alma possui em si três potências, a inteligência, a vontade e a MEMÓRIA, o que é significado no Evangelho, embora com outras palavras, quando diz:

**"Amarás
Senhor
teu
Deus
com
todo o
teu
coração,
com
toda a
tua
alma,
e com
toda a
tua
mente",**

**Mat.
12,
17**

isto é, com toda a tua inteligência, com toda a tua vontade e com toda a tua MEMÓRIA. Porque assim como do Pai é gerado o Filho, e do Pai e do Filho procede o Espírito Santo, assim da

inteligência se gera a vontade, e de ambas estas coisas procede a MEMÓRIA, assim como poderá ser facilmente apreendido por qualquer sábio. Nenhuma alma poderá ser perfeita sem estas três coisas, nem nenhuma destas, no que diz respeito ao seu hábito, permanecerá íntegra sem as outras duas. E assim como Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo não são três deuses, mas um só Deus e três pessoas, assim também a alma é inteligência, a alma é vontade, a alma é MEMÓRIA; não são, todavia, três almas em um só corpo, mas uma só alma e três virtudes. E nestas três coisas a imagem divina produz admiravelmente em sua natureza o nosso homem interior porque, como que pelas forças mais excelentes da alma, é-nos ordenado que amemos o Criador para que, na medida em que é intelegido, seja amado e, na medida em que é amado, sempre o tenhamos na MEMÓRIA. Não é suficiente a sua inteligência, se não se produz o seu amor na vontade. E nem estas duas são suficientes se não se lhes acrescenta a MEMÓRIA, pela qual Deus permanece sempre na mente que entende e ama, de tal modo que assim como não pode haver nenhum momento em que o homem não se utilize ou frua da bondade e da misericórdia de Deus, assim também não possa haver nenhum momento em que não o tenha presente na MEMÓRIA. E é por isso que me parece acertado dizer que o nosso homem interior é imagem de Deus.





XXIII. SOBRE A ALMA. L. II, C. 44.

O corpo é composto de quatro elementos, mas a alma não é elemento, nem é composta de elementos, criada do nada de um modo só conhecido pelo seu Criador. De todas as coisas que vê existirem em si, isto é, de todas as coisas visíveis em seu corpo, vê não ser nem poder ser nenhuma delas. Separe-se, portanto, e divida-se de tudo aquilo que vê haver de visível em si mesma, e se verá ser inteiramente invisível naquilo em que se vê, embora veja que não pode ver-se. Eleve-se, então, acima de si mesma, e contemple ao Deus invisível naquele que é o primeiro e o principal espelho na busca de Deus, aquele que com maior proximidade e afinidade foi feito à sua imagem e semelhança. Este é a própria razão e a mente que se utiliza da razão, feita à primeira semelhança de Deus, para que por si mesma possa encontrar àquele por quem foi feita e repousar docemente em seu amor e contemplação.

De fato, mais perfeitamente manifesta seu Criador aquilo que mais de perto se aproxima de sua semelhança, que é a própria criatura racional, feita de modo próprio e excelente à sua semelhança. A alma, portanto, tão mais prontamente conhece e ama o seu Criador, ao qual não vê, quando entende ter sido feita à sua imagem.

A mente racional é aquela que, pensando a si própria, entende e possui uma sua imagem originada de si mesma, imagem que é o seu verbo. O verbo de algo é o seu próprio conhecimento formado à sua semelhança a partir da MEMÓRIA. Deste modo manifesta-se claramente que a Suma Sabedoria, entendendo ao dizer-se a si mesma, gera uma imagem sua, consubstancial a si própria, isto é, o seu Verbo. Já a mente racional, que não se pensa a si mesma sempre, assim como não se lembra sempre de si mesma, manifesta que ao se pensar, faz com que da MEMÓRIA nasça seu verbo. De onde fica evidente que, se sempre se pensasse, sempre nasceria da MEMÓRIA seu verbo. A suma Sabedoria, como sempre lembrando-se de si mesma, manifesta que de sua eterna MEMÓRIA nasce seu Verbo coeterno. Sendo eterna, a Suma Sabedoria lembra-se eternamente de si mesma, dilige-se eternamente e diz-se eternamente, sendo o mesmo para ela dizer-se e entender-se e,

dizendo- se eternamente, faz com que eternamente o Verbo esteja junto de si.

A mente racional, portanto, sendo a única entre todas as criaturas que pode erguer-se à busca da suma Sabedoria, e a única que pode prosseguir ao seu encontro, deverá sempre aplicar-se à sua MEMÓRIA, inteligência e amor. Para isto foi feita, para que sempre viva, se sempre amar a suma vida, a suma sabedoria e a suma essência, à qual deve o seu próprio ser. Não poderá amá-la, porém, se dela não se lembrar e sem que se aplique a inteliigi-la.

Cumpra, portanto, aquilo para o que foi feita, para que possa bem viver.



**XXIV. SOBRE A ALMA. L. III, C. 1.**

Reúne todas as distrações do coração e todas as flutuações da mente em um só todo, e fixa em um só Deus todo o teu desejo. Esteja o teu coração ali onde está o teu tesouro muito desejável e amável. O Senhor, de fato, visita freqüentemente e habita liberalmente a tranqüilidade do coração e a contemplação da mente tranqüila, pois Ele é a paz, e

***"na paz
está a
sua
morada".***

Salmo
75,
3

Purifica, portanto, a tua consciência, e sempre estejas preparado para que, a qualquer hora em que vier o Senhor e quiser habitar contigo, encontre em ti preparada a sua morada, pois Ele também diz:

***"Fazei
para mim
um
santuário,
e Eu
habitarei
entre
vós".***

Ex.
25,
8

Apliquemo-nos, portanto, a edificar o templo de Deus em nós, primeiro para que possa habitar em cada coisa que há em nós, depois em todas simultaneamente, porque de contrário não se dignará a fazê-lo nem em cada uma nem em todas. Que cada um, portanto, primeiro se aplique a não se dividir de si próprio, porque todo reino em si mesmo dividido será destruído, e cairá casa sobre casa (Luc. 11, 17), e não entrará Cristo onde as paredes estiverem inclinadas e os tijolos faltando. A alma deseja ter a casa de seu corpo íntegra, e necessariamente a abandonará se os seus membros estiverem dispersos. Contemple-se, portanto, a si mesma, se deseja que Cristo habite em seu coração pela fé, isto é, examine-se a si mesma e solícitamente procure que os seus membros, a razão, a vontade e a MEMÓRIA, não se dividam.

Prepara uma habitação digna para Deus aquele cuja razão não é iludida, cuja vontade não é pervertida e cuja MEMÓRIA não é maculada. Feliz é a alma que deste modo se aplica a purificar deste modo a casa do seu coração da sordidez dos pecados e a plenificá-la com obras santas e justas, para que nela não apenas os anjos, mas também o próprio Senhor dos anjos se compraza em habitar. Purificada a casa, e dela excluída todos os males, torne-se repleta de todos os bens, para que nós, que abandonamos tudo o que é exterior, não tenhamos necessidade de buscar fora alguma coisa.





XXV. SOBRE A ALMA. L. III, C. 16.

Ouve, piedosíssimo Deus, a minha confissão, contempla a tua piedade e age comigo segundo a tua misericórdia. Ouve quão freqüentemente te expulsei de minha MEMÓRIA, inundando-a com uma turba de muitíssimos pensamentos que, como um povo numeroso que se dirige a um espetáculo, inunda o meu coração.





XXVI. SOBRE A ALMA. L. III, C. 27.

Quando orares, portanto, faze-o como se tivesses sido arrebatado e apresentado diante da face da majestade em seu elevado trono, onde

***"milhares
de
milhares
o servem,
e dez
centenas
de
milhares
o
assistem".***

**Dan.
7,
10**

Oramos verdadeiramente, quando em outra coisa não pensamos. Devemos orar sem interrupção (I Tess 5, 17). Assim como não há nenhum momento em que o homem não frui ou se utiliza da piedade e da misericórdia de Deus, assim também não haja nenhum momento em que não o tenha presente na MEMÓRIA. Feliz é a alma que se aplica em reunir as divagações da mente em uma só todo e fixar o desejo naquela que é a fonte da verdadeira felicidade.



**XXVII. SOBRE A ALMA. L. III, C. 38.**

Considera, portanto, a tua nobreza, pois assim como Deus está todo em todo lugar, a tudo vivificando, a tudo movendo e governando, assim também tu, em teu corpo, estás toda em todo lugar, vivificando-a, movendo-a e governando-a. E assim como Deus é, vive e conhece, assim também tu, segundo teu modo, és, vives e sabes. E assim como em Deus há três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, assim também tu tens três faculdades, a inteligência, a MEMÓRIA e a vontade. E assim como do Pai se gera o Filho, e de ambos procede o Espírito Santo, assim também da inteligência se gera a vontade, e de ambas procede a MEMÓRIA. E assim como Deus é Pai, Deus é Filho e Deus é Espírito Santo, e não são três deuses, mas um só Deus e três pessoas, assim também a alma é inteligência, a alma é vontade e a alma é MEMÓRIA e não são, porém, três almas, mas uma só alma e três faculdades. Nestas faculdades da alma, como no que há de mais excelente, é-nos ordenado amar a Deus de tal modo que o amemos com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente, isto é, com toda a inteligência, com toda a vontade e com toda a MEMÓRIA, o que significa com todo o afeto, sem defeito e com a contemplação da discipulação.

Não é suficiente apenas a inteligência de Deus para a bem aventurança, se a vontade não permanece em seu amor. E mesmo estas duas não são suficientes se não se lhes acrescenta a MEMÓRIA, pela qual Deus sempre permanece na mente que entende e ama, de tal modo que assim como não pode haver nenhum momento em que o homem não use ou frua da bondade ou da misericórdia de Deus, assim também não haja nenhum momento em que não o tenha presente na MEMÓRIA.





XXVIII. MISCELÂNEAS. L. II, TIT. 73.

**"No
meu
coração
escondi
tuas
palavras,
para
não
pecar
contra
ti".**

**Salmo
118,
11**

Esconde no coração a palavra de Deus quem a recebe pelo amor, a retém pela MEMÓRIA e a cobre pela humildade. Se nunca fosse coberta, não seria conservada; se nunca fosse manifestada, nunca se multiplicaria. Nosso coração é o ninho, a palavra de Deus é o ovo, a obra é a prole. Pecas, se não a recebes; pecas também se, recebida, a rejeitas; pecas finalmente se, retida, a expuseres antes do tempo. O primeiro é dureza, o segundo é negligência, o terceiro é soberba. Por isso esconde-a, para que não peques.





XXIX. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 1.

A bem aventurada Trindade reparou a queda de nossa natureza lembrando-se de sua misericórdia e não se lembrando de nossa culpa. Enviado pelo Pai, veio o Filho de Deus, e concedeu a fé. Depois do Filho foi enviado o Espírito, que trouxe a caridade e por estas duas coisas, a fé e a caridade, fêz-se a esperança de voltar ao Pai. E esta é a trindade, a fé, a esperança e a caridade, pela qual, como por um tripé, da profundidade da lama para a perdida bem aventurança, a Trindade incomutável trouxe a trindade mutável e caída. A fé iluminou a razão, a esperança elevou a MEMÓRIA, e a caridade purificou a vontade.

Existe, portanto, a Trindade criadora, o Pai, o Filho e s Espírito Santo. Dela caíu a trindade criada, a MEMÓRIA, a razão e a vontade. A trindade pela qual caíu foi a sugestão, a deleitação e o consentimento; a trindade na qual caíu, a impotência, a cegueira e a imundície. A trindade caída tem em cada uma destas coisas uma queda tripartida. A MEMÓRIA caíu nas três espécies de pensamentos afetuosos, que são os necessários, como comer, beber e outros semelhantes; os onerosos, como a dura administração das coisas, a aquisição e o serviço; e os ociosos, quando pensamos no cavalo que corre ou na ave que voa. A razão caíu na tríplice ignorância do bem e do mal, do verdadeiro e do falso e do cômodo e do incômodo. E a vontade, na concupiscência da carne, na concupiscência dos olhos e no orgulho da vida. Existe, finalmente, a trindade pela qual ressurge, a fé, a esperança e a caridade.





XXX. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 62.

***"Amigo,
empresta-
me três
pães".***

Luc .
11 ,
5

O amigo é quem fala ao amigo e em favor do amigo. O nosso amigo é o filho pródigo que vem pelo caminho, voltando da uma região distante trazendo consigo três pães para a refeição.

Diz ele ao pai:

***"Dá-
me a
parte
dos
bens
que
me
toca".***

Luc .
15 ,
12

Tendo-a recebido, dirigiu-se como peregrino a uma terra distante, por um caminho sem fim, um trabalho sem repouso, um movimento sem estabilidade e uma corrida sem destino.

Sua porção consistiu de três coisas: a MEMÓRIA, a razão e a

vontade. A MEMÓRIA tendia apenas para as coisas de Deus. A razão investigava a sua profundidade com olhos perspicazes. A vontade, triunfando sobre o terreno, apetecia o celeste. A MEMÓRIA se estreitava sumamente às coisas verdadeiras. A razão discernia o que havia de bom e de melhor. A vontade escolhia aquilo que era singularmente ótimo.

Recebidos estes bens, o filho se afastou do pai fugindo por três noites. A primeira noite foi o caminho pelo qual abandonou a Deus criador; a segunda, aquela pela qual passou a apetecer algo além de Deus; a terceira, aquilo pelo qual encontrou o repouso em coisas estranhas e fora de Deus. Primeiro, afastando-se de Deus, foi ao encontro de si mesmo. Depois, descendo abaixo de si próprio, deleitou-se na carne. Finalmente, já conduzido para fora de si, passou a deliciar-se com imagem das coisas. A primeira noite consistiu em gloriar-se da virtude, a segunda em deleitar-se nos vícios, a terceira em consolar-se no que é meramente transitório.

Consumado todo o caminho, no primeiro ano dilapidou os bens da MEMÓRIA de três modos: pelos pensamentos afetuosos, pelos onerosos e pelos ociosos. Afetuosos pela ocupação com o que é servil, onerosos pela solícitude com o que é exterior, ociosos pela divagação no que é inútil.

No segundo ano dissipou os bens da razão de três modos, tomando o mal como bem, o falso pelo verdadeiro e o veneno como comodidade. Tomou o mal como bem porque perdeu a ética, tomou o falso como verdadeiro porque perdeu a lógica e, finalmente, tomou o veneno como comodidade ao perder a estimação natural.

No terceiro ano dissipou a boa vontade vivendo luxuriosamente, pelo incêndio de um fogo oculto, pela divagação do olho exterior e pela ambição de um mundo corrompido, isto é, pela luxúria no fêdor, pela soberba no furor e pela avareza no fervor.

Depois que ter consumido tudo, ao iniciar-se uma grande fome naquela terra iniciou-se também a sua indigência.

No quarto ano, caindo em si, disse para consigo mesmo:

"Levantar-me-ei e irei ao meu pai".

Teve então que compensar pela fé primeiramente os danos causados à razão, pela esperança os danos causados à MEMÓRIA e pelo amor os danos causados à vontade.

A fé iluminou a razão de três modos: pelos preceitos, pelos sinais e pelas promessas. A esperança fortaleceu a MEMÓRIA também de três modos: pelo perdão, pela graça e pela glória. A caridade, finalmente, restaurou a vontade de três modos: pelo amor natural pelo qual amou ao próximo natural e racional tanto quanto a si mesmo, e pelo amor espiritual pelo qual amou a Deus.

Retornou, portanto, durante três dias, pelo caminho contrário, de tal maneira que os mesmos graus pelos quais adoeceu de uma peste mórbida se tornassem as fronteiras pelas quais retornaria à saúde.

No primeiro dia de seu percurso de volta dirigiu-se a um amigo para que ceasse com ele. Mas que amigo poderia encontrar numa região distante? Cada qual é para si próprio o seu próximo e o seu amigo, quando, voltado para si mesmo, nada mais encontra o que pôr diante de si senão os seus próprios pecados e, em meio à dor e às lágrimas, pede outro amigo sacerdote e lhe diz:

"Amigo, empresta-me três pães",

**Luc .
11 ,
5**

isto é, imponha-me agora uma penitência. E ele

***"certamente
se levantará,
e lhe dará
quantos
pães lhe
forem
necessários".***

**Luc .
11 ,
8**

Dar-lhe-á o pão do amor, o pão do trabalho e o pão da dor.

No segundo dia dirigiu-se a outro amigo, seguindo o exemplo dos Santos Padres e passando a freqüentar as Escrituras. Foram-lhe então estendidos outros três pães: o pão do perdão, o pão da graça e o pão da glória. O homem comeu e saciou-se.

No terceiro dia, chegou junto ao seu pai, o Deus misericordioso e piedoso, que lhe estendeu três delicados novilhos, um novilho ainda novo, um novilho tirado do rebanho e um novilho gordo. Comeu e saciou-se abundantemente.

O primeiro retorno, portanto, é do alheio ao próprio, o segundo dos males aos bens, o terceiro, do que é passageiro ao eterno.





XXXI. MISCELÂNEAS. L.V, TIT. 44.

Felizes são os que possuem a MEMÓRIA da bem aventurada Virgem. Mais felizes são, porém, os anjos, os quais possuem a sua presença, cujo esplendor foi desejado pelo Onipotente que a colocou em seu trono.



**XXXII. MISCELÂNEAS. L.V, TIT. 67.**

**Muitos
dizem:
Quem
nos
fará
ver o
bem?
Levanta
sobre
nós a
luz de
teu
rosto,
ó
Senhor.**

Salmo
4, 7

O vulto do Pai é a potência, o do Filho é a sabedoria, e o do Espírito Santo é a benignidade. A luz do vulto é a MEMÓRIA, a inteligência e a vontade. Da MEMÓRIA o homem caiu no esquecimento, da inteligência caiu na ignorância, da vontade no abuso da retidão. Mas Deus enviou o seu Filho que trouxe a fé, a esperança e a caridade, pelas quais esta imagem, este vulto foi assinalado sobre nós, isto é, impresso sobre a razão. A fé expulsou o esquecimento, restaurando a MEMÓRIA; a esperança afugentou a ignorância, purificando a inteligência; a caridade extinguiu o abuso da retidão. O vulto da Trindade na caridade é a potência, a sabedoria e a benignidade. Pela potência a tudo criou, pela sabedoria a tudo dispôs, pela benignidade a tudo governa e favorece. Mas porque não podemos nos aproximar para ver o vulto, temos a luz, isto é, a imagem e a semelhança. Pela imagem o apreendemos, isto é, pela MEMÓRIA, inteligência e vontade. Pela semelhança o representamos para nós, isto é, pela fé, pela esperança e pelo

amor.





XXXIII. MISCELÂNEAS. L. V, TIT. 68.

A morte da alma é o esquecimento. Quando ressuscita desta morte pode ser reconhecida deste modo: sente pelo tato da MEMÓRIA, ouve pela obediência, vê pela inteligência, cheira pela circunspeção e saboreias pelo amor.



**XXXIV. SERMONES CENTUM. SERMO 21.**

**"Cura-
me,
Senhor,
e serei
curado".**

**Jer .
17 ,
14**

O homem, enquanto permaneceu na justiça, esteve são. Mas depois que caiu pela culpa incorreu em grave doença. E ele, que antes da culpa possuía a saúde em todos os seus membros espirituais, depois da culpa padeceu a enfermidade em todos eles.

Mas, porventura, deve-se dizer que o homem tem membros espirituais? Os membros espirituais do homem são as virtudes. Assim como o homem é exteriormente formado exteriormente por membros que lhe são convenientes, assim também é interiormente ordenado e disposto por virtudes admiravelmente concordantes entre si de tal modo que os membros do corpo são figuras da substância espiritual.

A cabeça significa a mente. Assim como a cabeça possui o lugar mais elevado entre os membros, assim a mente é a primeira e a mais elevada entre as faculdades da alma.

Os olhos designam a contemplação. Assim como pelos olhos do corpo contemplamos o que é externo e visível, assim pelos raios da contemplação investigamos as coisas invisíveis.

A boca sugere a inteligência. Assim como recebemos o alimento pela boca, assim pela faculdade da inteligência recebemos o alimento dos ensinamentos divinos.

Os dentes significam a meditação, porque assim como pelos dentes trituramos o alimento recebido, assim pelo ofício da meditação dividimos e discutimos sutilmente o pão do ensinamento.

Pelo ventre devemos entender a MEMÓRIA. Assim como a comida corporal, recebida pela boca, triturada pelos dentes, é conduzida ao ventre, para que ali seja digerida e distribuída por todos os membros para que por ele os membros se fortaleçam, assim também o alimento espiritual, conhecido pela inteligência e discutido e sutilizado pela meditação é preparado no interior da MEMÓRIA, para que ali, cosido pelo fogo do amor, seja administrado e dividido para que por ele se fortaleçam todas as demais faculdades. Mas assim como não são de proveito para o ventre alguns alimentos que ele aceita, por não serem bem digeridos, seja pela sua abundância, seja por causa da debilidade da virtude digestiva, e por isso mesmo são expulsos em sua quase integridade, assim também alguns alimentos espirituais aceitos pela mente não lhe são de proveito porque, preparados por uma grande negligência, são imediatamente perdidos pela MEMÓRIA. Quem, porém, retém pela MEMÓRIA o alimento recebido e o decompõe pelo amor, é robustecido para evitar o mal e fortalecido para fazer o bem.



**XXXV. SERMONES CENTUM. SERMO 39.**

**"Jerusalém,
cidade
santa, e
cidade do
santo".**

Apoc .
21 , 2
Is .
52 ,
1

Jerusalém, segundo o sentido histórico, é a cidade terrena; segundo o sentido alegórico, a santa Igreja; segundo o sentido moral, a vida espiritual; segundo o sentido anagógico, a pátria celeste. Deixando de lado os outros sentidos, exporemos a seguir o que diz respeito ao sentido moral, esforçando-nos para que, com sua descrição, possamos edificar os bons costumes.

Assim como Babilônia, isto é, a vida mundana, tem as suas vias e as demais coisas que já descrevemos, assim também a santa Jerusalém, que é a vida espiritual, possui a disposição de sua edificação no bem. Possui, a saber, o seu muro, as suas vias, os seus edifícios, as suas portas. Um muro exterior circunda-a em toda a sua volta, pelo qual é protegida por uma rigorosa, contínua e perfeita disciplina de bons costumes. Em seu interior possui sete vias nas sete virtudes contrárias aos sete vícios que já descrevemos quando falamos de Babilônia. Na vida santa e espiritual encontramos, de fato, a humildade, que é contrária à soberba; a caridade, que é contrária à inveja; a paz, que é contrária à ira; a alegria espiritual, que é contrária à acédia; a liberalidade, que é contrária à avareza; a abstinência, que é contrária à gula; a continência, que é contrária à luxúria. Não será também inútil descrever as partes destas vias, tanto as que estão de um lado como as que estão de outro.

A segunda via é a caridade, na qual de uma parte encontra-se o amor de Deus, e de outra o amor do próximo. De um lado, com efeito, é-nos preceituado que amemos a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a MEMÓRIA; e de outro é-nos preceituado amar o próximo como a nós mesmos.





XXXVI. SERMONES CENTUM. SERMO 56.

Agora, portanto, irmãos caríssimos, retornemos a nós mesmos e de tudo isto procuremos diligentemente aprofundarmo-nos no conhecimento da verdade, inflamarmo-nos ao amor da bondade, incentivarmo-nos ao exercício da virtude e formarmo-nos ao efeito da boa obra, para que possamos merecer o prêmio da salvação pela renúncia de nossas maldades passadas e das sugestões do demônio.

Sigamos nosso pastor, imitando-o nas coisas que ele fizer com retidão. Unamo-nos a ele, amando-o verdadeiramente. Obedeçamo-lo, cumprindo com empenho tudo o que ele nos preceitua. Habitemos com ele em Belém, honestamente convivendo com ele na santa Igreja.

Colhemos e batamos as espigas no campo de Booz, e levemo-las à nossa casa, estudando, meditando e recordando em nossa MEMÓRIA ou nossa consciência, conforme dissemos acima, as palavras de nosso Salvador. Não respiguemos em campo alheio, repelindo as más asserções dos hereges.

